



Mehriban ALIYEVA
Embaixadora da Boa Vontade da UNESCO
Presidente da Fundação Heydar Aliyev

A ESCOLA DO MUGHAM DE KARABAKH



DE ACORDO COM UMA RESOLUÇÃO DA UNESCO, O MUGHAM DO AZERBAIJÃO FOI PROCLAMADO OBRA-PRIMA DA HERANÇA ORAL E IMATERIAL DA HUMANIDADE. NO AZERBAIJÃO, ONDE O MUGHAM É PERCEBIDO COMO PARTE INTEGRAL DO SISTEMA FUNDAMENTAL DE VALORES DA CULTURA DO POVO AZERBAIJANÊS, ESTA DECISÃO É VISTA TANTO COMO O RECONHECIMENTO DOS MÉRITOS DE DISTINTOS REPRESENTANTES DO GÊNERO, QUANTO COMO O DESEJO DE CHAMAR A ATENÇÃO DA COMUNIDADE CULTURAL DO MUNDO PARA ESTA HERANÇA ÍMPAR.



Artista Ismayil Mammadov

Dotado de uma história secular, o Mugham atingiu seu auge em um período descrito por especialistas como a Renascimento Oriental, quando, com fundamentação na herança cultural Greco-Romana, a cultura azerbaijanesa criou obras-primas em diferentes esferas, da literatura à arquitetura. O desenvolvimento subsequente do Mugham não alterou sua essência e importância. **O Mugham continua sendo um microcosmo cultural que, por um lado é um legado do passado, e por outro uma arte muito moderna. Seus elementos essenciais se misturam harmoniosamente com a possibilidade de improviso e desenvolvimento criativo do tema.**

A cultura inigualável do Mugham evoluiu em um rico meio filosófico, musical e literário. Aqueles que tocam o Mugham são frequentemente reconhecidos pelos ouvintes como reprodutores de um código mágico e arcaico passado de geração em geração. Isso proporciona aos ouvintes a oportunidade de se conectar com a

verdade eterna e obter paz de espírito.

Livro acadêmico algum será capaz de comunicar as nuances do tecido vivo desta arte. Os artistas do Mugham, tais quais pessoas iniciadas em um mistério, podem demonstrar esta árvore perene de música viva e poesia em cada performance. Como uma arte sintética, o Mugham é baseado na poesia azerbaijanesa tradicional, que é carregada de alegorias e símbolos. O sentido místico é combinado com *aesopian*¹. No contexto de cada verso, o sentido verdadeiro se apresenta apenas para aqueles que conhecem a filosofia oriental, a linguagem dos símbolos e da circunlocução, e somente estes podem decifrar as implicações ocultas de alguns versos.

Desde a infância, os artistas do Mugham desenvolvem uma afeição pela forma e métrica usadas amplamente na composição do Gazel. No Mugham, um artista lhe dirá quantos Gazéis de poetas diferentes ele sabe de cor, e quando for necessário refletir sobre um tópico, os versos relevantes serão lembrados.

O Mugham foi e ainda é uma fonte inesgotável de inspiração para os compositores azerbaijaneses. O Mugham sinfônico, criado com base na música clássica, é apresentado com tremendo sucesso por orquestras em vários países ao redor do mundo. Ao mesmo tempo, o Mugham ainda é um vasto campo de improviso e interpretação para compositores modernos. Os conhecedores do Mugham conseguem capturá-lo em diferentes composições que inicialmente parecem muito distantes.

O Mugham, tanto em performances solo quanto acompanhado por instrumentos, é bem difundido no Azerbaijão. As bandas que apresentam o Mugham instrumental podem ter composições diferentes, mas são normalmente maiores que aquelas que fazem apenas o acompanhamento. Apesar da diversidade e riqueza do Mugham instrumental, a performance solo é o seu apogeu. É no solo que o ouvinte pode captar o misticismo sufista da "jornada ao plano astral" que, de acordo com os especialistas

1 N.T.: Linguagem aparentemente inocente que carrega sentido oculto, decifrável apenas pelos iniciados. Relativo à *Aesop* (Esopo, escritor grego)



no Mugham, constitui a essência desta forma tão musical de meditação.

Os cantores de Mugham são tradicionalmente chamados de *khanende* no Azerbaijão. Os *khanende* normalmente cantam com acompanhamento musical. A banda, tocando instrumentos nacionais, pode variar de um trio (*tar*, *kamancha* e *def*) a uma orquestra completa.

Há várias escolas reconhecidas de cantores de Mugham no Azerbaijão. Apesar do gênero ser difundido por todo o país, os centros que deram origem a diferentes escolas de Mugham são Baku, Shemakha, Ganja, Nakhchivan e Shusha. A chamada Escola de Mugham de Karabakh, que é particularmente interessante, se desenvolveu principalmente em Shusha.

Os primeiros discos de Mugham azerbaijanês apareceram em 1902. A gravação do Mugham foi feita inicialmente pela britânica "Gramophone", a

alemã "Sport-record" e a francesa "Pate Records". Em 1913, as companhias estabeleceram escritórios de representação em Riga, Moscou, Varsóvia, São Petersburgo, Kiev, Tbilisi e Baku. O Mugham azerbaijanês também foi gravado pelas empresas russas "Concert-record", "Monarch-record", "Extraphone", "Gramophone-record" e a húngara "Premier-record". Alguns discos valiosos foram lançados pelas fábricas de Aprelevka e Nogin na era

soviética.

Uma cópia da maioria desses discos está armazenada no Arquivo Nacional Azerbaijanês de Registros Sonoros. Alguns estão guardados no Museu Nacional de Cultura Musical. Alguns áudios antigos do Mugham azerbaijanês também estão guardados nos arquivos de áudio da Biblioteca Britânica. Muito foi feito no Azerbaijão para restaurar os discos antigos. Por exemplo, discos do início do século XX foram convertidos para formato digital. Eles nunca haviam circulado antes, pois foram gravados em apenas uma cópia e não eram destinados à distribuição.

O cataclisma político, trazido pela Primeira Guerra Mundial, a fragmentação do império russo e o estabelecimento da União Soviética levaram a uma crise do Mugham como gênero. A ideologia soviética o via como uma arte antiquada e distante do proletariado. Nem mesmo o *tar*, instrumento



central da apresentação de Mugham, ficou livre de ataques. Apesar de ter sido relegado ao submundo, o Mugham conseguiu retornar à vida cultural oficial. As primeiras gravações de alta qualidade de mestres do Mugham da escola de Karabakh, entretanto, só foram feitas entre 1930-50. Estas gravações contam com as vozes de Khan Shushinskiy, Zulfi Adigezalov, Seyid Shushinskiy, Abulfat Aliyev, Mutallim Mutallimov, Yagub Mamedov, Islam Rzayev, Arif Babayev, Murshud Mamedov, Gadir Rustamov e Suleyman Abdullayev.

Finalmente, no final do século XX, um terceiro grupo de artistas ganhou reconhecimento. Representado por *khanende* como Vahid Abdullayev, Sakhavet Mamedov, Zahid Guliyev, Garakhan Behbudov, Mansum Ibrahimov, Sabir Abdullayev e Fehrüz Mamedov.

Diz-se que as pessoas devem se preparar por séculos para o nascimento de um grande talento. Quando um talento finalmente nasce, deve haver cantigas de ninar que ele ouvirá, contos de fadas que o ensinarão como distinguir o bem do mal e músicas que o iniciarão na herança cultural de seus ancestrais. Uma coisa é óbvia: se as pessoas e o ambiente que cercam uma pessoa talentosa não estão prontos para percebê-la, ela pode acabar não se realizando e não preenchendo seu potencial. Neste quesito, os *khanende* de Karabakh foram afortunados em nascerem em um lugar e tempo nos quais o ambiente estava pronto para recebê-los.

Seu nascimento em Karabakh foi parte determinante de seu destino. Eles nasceram em um lugar onde quase todos podiam cantar e apreciar uma boa voz e talento musical. Todo nativo de Karabakh, fosse nascido em suas partes altas ou baixas, Shusha ou Agdam, era um especialista no

Mugham, capaz de cantar qualquer canção popular.

Acredita-se que o Mugham esteja moldando a alma humana. Em Karabakh, eram processos entrelaçados: a natureza moldou almas que eram particularmente receptivas às coisas belas, inclusive à música. A beleza e a harmonia desses lugares são refletidas na cultura musical única que foi cultivada por todos os artistas de Mugham de Karabakh durante anos.

A maioria dos *khanende* de Karabakh nasceu em Shusha. O tema Shusha, sua imagem de fortaleza inexpugnável e cidadela espiritual, um santuário cultural do povo azerbaijanês, será sempre o tema central de seu trabalho.

Todo nativo de Shusha sabia sua história, mas esse conhecimento não era obtido apenas pelos registros históricos. As numerosas "Histórias de Karabakh" - os *Karabakhname* - não eram apenas encontradas em tomos de manuscritos, elas eram parte integral da vida do passado e presente. Muitos episódios históricos descritos eram constantemente recontados, sendo passados de geração em geração. Desta forma, até os mínimos detalhes dos eventos eram preservados. Os *Karabakhname* eram a história viva refletida no cotidiano, monumentos arquitetônicos, uma realidade na qual a verdade histórica de dias passados e o presente se complementavam harmoniosamente. A história e a natureza daqueles locais geraram um dos principais temas da escola de Mugham de Karabakh: Karabakh. O famoso Mugham "*Karabakh shikestesii*" era, e ainda é, o cartão de visita dos cantores de Karabakh.

Shusha nos deu uma multiplicidade de músicos, muitos dos quais escolhem o nome artístico de Shushinskiy em acordo com a



conhecida frase do poeta russo Yesenin: “Se não és um poeta, não és de Shiraz, se não és um cantor, não és de Shusha”. Shusha também trouxe ao mundo cantores, compositores e músicos extraordinários, que por si só poderiam preencher uma enciclopédia das artes performativas.

Shusha sempre foi corretamente considerada o conservatório musical do Oriente. Pessoas de todos os lugares a visitavam para ouvir cantores conhecidos e aprender canto. Mas a cidade não era famosa apenas por seus músicos. O fenómeno de Shusha representava uma combinação única de fatores naturais e os feitos das pessoas locais. Tantos indivíduos extraordinários com histórias diferentes nasceram nesta cidade e produziram a música até então desconhecida, com os instrumentos que fizeram, nos salões que construíram, e com os maravilhosos poemas que escreveram. A atmosfera nesta cidade é relatada em um livro de Alexander Dumas sobre uma jornada ao Cáucaso, que também apresenta uma descrição impressionante da poetisa Natavan, de Karabakh.

As nascentes puras e cristalinas



de Shusha lhe deram uma reputação especial. A mais conhecida delas, Isa Bulag, é vista por muitos como um símbolo de Shusha. As montanhas, que aparentam apontar diretamente ao firmamento, cercam o incrivelmente belo altiplano de forma a criar um auditório a céu aberto com excelente acústica. O platô de Jidir Duzu já viu vários cantores conhecidos. Garotos de Shusha ubíquos “pregaram peças” com este milagre natural; suas vozes claras, apenas começando a conceber o Mugham, podiam ser ouvidas fluindo de diferentes passagens e res-

soando nas montanhas. Esta polifonia particular, amplificada pelo murmúrio das fontes e pelo farfalhar das folhas, podia apenas ser criada por uma fantasia de criança.

Em 1987, o festival internacional de Mugham Kharibulbul aconteceu lá. Foi nomeado em homenagem a uma flor que cresce nas montanhas. Que constelação de jovens talentos o festival revelou! Mas a ocupação de Shusha por agressores armênios transformou estas estrelas em ascensão em refugiados. Agora vivendo em campos de refugiados, admitiram que não cantavam desde o dia do expurgo. “Nós, gente da montanha, não podemos viver e cantar em um vale. Nossas almas estão lá em Shusha. Como podemos cantar sem as fontes das montanhas, sem a conversa dos pássaros de Jidir Duzu?” Há uma resposta? Pode-se apenas retrair-se em desamparo pela profundidade com a qual estes rapazes percebiam o mundo.

De acordo com leis não escritas, havia várias classes de encontros musicais em Shusha. Primeiramente havia os *majlises* aos quais músicos de elite eram convidados. Músicas baseadas em poemas previamente desconhecidos eram particularmente apreciadas. Desde que fosse de boa quali-



Grupo musical do Khan Shushinski. Da esquerda à direita: Khan Shushinski, Bahram Mansurov e Talat Bakikhanov



dade, não importava se o cantor havia encontrado um poema em um velho manuscrito ou tomasse emprestado de um poeta moderno. Melodias dançantes não eram tocadas nesses encontros, mas o Mugham era apresentado em todas as suas nuances.

Músicos menos profissionais eram convidados para *majlises* de segunda classe. O Mugham também era tocado nestes, mas, após duas horas, uma música popular era tocada e as pessoas podiam dançar. Os *majlises* de terceira classe reuniam pessoas que queriam se divertir. Não eram destinados à música séria e os *khanende* de respeito normalmente os evitavam.

Apesar de tais classificações serem flexíveis, ajudaram músicos de primeira classe a manter um nível elevado em suas apresentações por muitos anos. O mesmo se aplica aos ouvintes. Essencialmente, os encontros de verdadeiros apreciadores do Mugham fizeram o gênero se desenvolver e se transformar em uma forma viva de arte popular.

O escritor Abdurahim Hagerdiyev disse que de quaisquer músicos que viesse a conhecer na segunda metade do século XIX em Baku, Shemakha, Ashkhabad, Tehran ou Istambul, alguns certamente seriam de Shusha. Eles moldavam a moda musical no Leste e pessoas que queriam ter seu talento e voz avalizados sempre se dirigiam a Shusha. Anos depois, tendo se tornado *khanende* reconhecidos, eles citariam uma avaliação que receberam de Haji Huseyn, Sadikhjan, Mirza Mukhatar, Jabbar Garyagdioglu ou outro mestre do Mugham de Karabakh.

O primeiro *boom* do petróleo no Azerbaijão teve consequências favoráveis ao desenvolvimento do Mugham. As Festas do Leste, organizadas pelos industriais do petróleo de

Baku, foram um tremendo sucesso. A primeira delas se realizou no teatro de Shusha. Foi nas Festas do Leste que se deu a transformação dos encontros musicais dos apreciadores do Mugham em concertos públicos.

Durante o século XX, a escola de Mugham de Karabakh trouxe ao mundo diversos músicos exemplares. O conflito de Nagorno-Karabakh rompeu a continuidade na preparação de *khanende*. **Há um ditado que diz que a musa é muda quando as armas conversam. Os *khanende* de Karabakh não estão mudos, eles cantam, mas sua canção é carregada de dor, luto e sofrimento. Como o grande Jabbar Garyagdioglu disse “Mesmo que eu estivesse no paraíso, de que valeria se não houvesse Karabakh.”**

Várias mudanças estão ocorrendo neste mundo em rápida globalização. O tráfego humano atual não tem precedentes, com a possibilidade da transmissão praticamente instantânea de informação e novas tecnologias mudando a aparência do mundo - tudo isso acontecendo em paralelo à crescente ameaça do terrorismo e calamidades naturais. Em um mundo tão vulnerável a estes impactos, um ser humano é pequeno como

um grão. Nem a globalização nem filosofias antiglobalização podem devolvê-lo à velha harmonia. Mas esta é a hora de criar as fundações do nosso desenvolvimento futuro, que está fortemente entrelaçado à tradição. Apenas preservando as tradições de cada civilização e a cultura de cada povo seremos capazes de atingir a diversidade cultural, num mundo no qual a tradição possa ser protegida e enriquecida. Estes são os objetivos da Convenção da UNESCO para Proteção do Patrimônio Cultural Imaterial. ✨

Artista Elturan

